



UM CURRÍCULO VOLTADO PARA A APRENDIZAGEM DIALÓGICA

Gleicy Aparecida de Sousa; Eglen Silvia Pipi Rodrigues

*Universidade Federal de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Rondonópolis –
gleicysousa@hotmail.com/eglenrodrigues@gmail.com*

Resumo: Esta pesquisa de caráter bibliográfico tem como objetivo discutir a importância de se desenvolver o trabalho pedagógico, a partir de um currículo dialógico, capaz de lidar com as resoluções de conflitos, e ao mesmo tempo, propor uma aprendizagem dialógica, significativa, buscando compreender um processo em que experiência e educação se entrelaçam de modo crítico, partindo da realidade para a ação e reflexão dos sujeitos no e com o mundo. Na perspectiva dialógica o currículo não está vinculado ao que os alunos sabem ou não sabem, mas aponta para os resultados que se quer alcançar para todos. As discussões relacionadas a aprendizagem dialógica que se propõe, estão alicerçadas no referencial e estudos de Jürgen Habermas (2012), trazendo a emancipação, a interação mediada pelo diálogo, e Freire (1989/2014) com o diálogo, o tempo, hierarquização nas decisões e o currículo. As discussões sobre currículo serão feitas com os seguintes autores: Lopes e Macedo (2011); Macedo (2006) e Moreira (2001). As questões que nortearam a pesquisa foram: De que modo o currículo dialógico considera a subjetividade dos alunos? Como é possível ensinar numa perspectiva dialógica? É possível romper com as ideias tradicionais de currículo? Desta forma, o estudo investigativo aqui apresentado, buscou apresentar aqui algumas discussões que venham contribuir para ampliar a discussão acerca da necessidade de se pensar para o espaço escolar, práticas pedagógicas mais dialógicas que promovam a construção de um currículo pautado na aprendizagem dialógica, que visa garantir o respeito à diversidade, às diferenças.

Palavras-chaves: Diálogo, Currículo, Aprendizagem Dialógica.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre o tema currículo não é nada simples como se imagina, pois, a compreensão que muitos de nós tem acerca desse assunto está calcada em um paradigma tradicionalista, hierárquico, no qual a ideia que se tem é de que currículo são os conteúdos ensinados na escola, e desta forma, abamos internalizando essa concepção tomando-a como verdadeira. Pensar um currículo de outra forma, não é simples, pois temos que considerar diversos fatores que contemplam essa temática, por isso, sua produção é de relevância para o campo da Pesquisa em Educação.

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância de se desenvolver no trabalho pedagógico, um currículo dialógico, capaz de lidar com as resoluções de conflitos, e ao mesmo tempo, propor uma aprendizagem dialógica, significativa, buscando compreender um processo em que experiência e educação se entrelaçam de modo crítico, partindo da realidade para a ação e reflexão dos sujeitos no e com o mundo.

A pesquisa surgiu a partir das leituras e discussões realizadas no Grupo de Estudos e de pesquisa “GEAD – Grupo de Estudos em Aprendizagem Dialógica”, que acontece na Universidade



Federal de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Rondonópolis, quinzenalmente, sob a coordenação da professora Dra. Eglen Silvia Pipi Rodrigues. No grupo são discutidos temas vinculados a aprendizagem dialógica, e outros temas relacionados à pesquisa, onde os próprios participantes, discutem as leituras a serem realizadas. É um trabalho dialógico, onde se prima pelo respeito, pela solidariedade, onde todos são ouvidos.

Para tanto, faz-se necessário contextualizar um pouco o tema abordado, assim, nos propomos a apresentar aqui uma discussão resultante de uma pesquisa bibliográfica, na qual as discussões relacionadas a aprendizagem dialógica que se propõe, estarão alicerçadas no referencial e estudos de Jürgen Habermas (2012), trazendo a emancipação, a interação mediada pelo diálogo, e Freire (1989/2014) com o diálogo, o tempo, hierarquização nas decisões e o currículo. As discussões sobre currículo cultural, num determinado tempo-espço, serão com os autores Lopes e Macedo (2011); Macedo (2006) e Moreira (2001) trazendo a discussão sobre o multiculturalismo.

Respondendo por meio do diálogo com esses autores acima citados esses questionamentos, podemos fazer uma reflexão mais aprofundada sobre a concepção de currículo, se há ou não um conceito coerente, que o defina melhor. A escola é onde esse currículo está presente, seu PPP – Projeto Político Pedagógico deve contemplar esse currículo.

As questões que nortearam a pesquisa foram: De que modo o currículo dialógico considera a subjetividade dos alunos? Como é possível ensinar numa perspectiva dialógica? É possível romper com as ideias tradicionais de currículo? Será apresentado a seguir uma discussão teórica dos autores referenciados acima, seguido da metodologia, resultados e discussões, considerações e referências bibliográficas.

ENSINO E O CURRÍCULO: A CONSOLIDAÇÃO DE UMA BASE DIALÓGICA

Sabemos que o ensino que conhecemos hoje como tradicional surgiu na sociedade industrial e segue vigente em muitas escolas, ainda que esse modelo de sociedade já tenha sido superado há algum tempo. De acordo com Moreira (2001, p. 65),

Vive-se hoje em um mundo marcado pelas nefastas consequências de um processo de globalização excludente, resultado não de uma fatalidade econômica, mas de uma política consciente e proposital que busca liberar os determinismos econômicos de todo controle e submeter governos e cidadãos às forças assim liberadas.



Mesmo com tantas mudanças sociais, muitas escolas continuam adotando uma concepção de aprendizagem baseada na perspectiva objetivista, de transmissão e reprodução de conhecimentos, descontextualizada da realidade social dos alunos, uma política repleta de falhas, requerem um olhar mais minucioso nesse aspecto. Discussões constantes sobre o que é currículo não contribuem para a busca de uma resposta aos problemas educacionais e da sociedade.

Todos perguntam: mas, a final, o que é o currículo? Não há como defini-lo, ele é flexível, e cada pessoa o verá de uma forma, o conceituará de uma forma. Moreira (2001, p. 68), concebe o “currículo como todas as experiências organizadas pela escola que se desdobram em torno do conhecimento escolar”. O olhar de cada indivíduo será diferenciado para a organização da escola, seus conteúdos, suas ações, suas práticas, seu funcionamento no geral. Por mais que haja leis, que haja toda uma hierarquia na educação, a escola deve buscar sua autonomia,

Porque somos capazes de trabalhar esse mundo, mesmo que ser humano nenhum seja capaz de dominar mesmo uma pequena parte dele. Todos contribuímos para seu crescimento, mas quase todas essas contribuições são irrisoriamente pequenas. Todos tentamos compreender esse mundo, e nenhum de nós pode viver sem um vínculo com ele, pois todos usamos a linguagem, sem a qual praticamente não seríamos humanos (HABERMAS, 2012, p.152).

Todos fazemos parte do processo de ensino, e temos que participar de sua organização. Nesse momento, iniciamos a consolidação dessa base dialógica, por isso, é importante [...] defender a presença participante de alunos, de pais de alunos, de mães de alunos, de vigias, de cozinheiras, de zeladores nos estudos de que resulte a programação dos conteúdos das escolas, [...]” (FREIRE, 2014, p. 152). Essas pessoas estão inseridas na escola, e devem estar presentes nas tomadas de decisões, para que seja uma democracia, um currículo dialógico busca essa parceria, se pensa coletivamente, e não mais individualmente.

Para Freire (2014), a educação democrática não pode apenas transferir conhecimento, nem o limitar, e sim, ensinar a pensar de modo crítico, dialogando sobre as possíveis verdades, “o problema fundamental, de natureza política é tocado por tintas ideológicas, é saber quem escolhe os conteúdos, a favor de quem e de que estará o seu ensino, contra quem, a favor de quem, contra o quê?” (FREIRE, 2014, p. 152). Exemplo dessa educação democrática, é a elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, que segundo Veiga (1998, p. 13-14),



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao se constituir em processo democrático, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

Entretanto, não é possível visualizarmos na prática esse processo, e, observando na atualidade, as imposições políticas, projetos sendo despejados nesses espaços, que não trazem nenhum benefício à escola, apenas conflitos e o silenciamento de toda uma educação, o projeto “Escola sem Partido”, PLS 193/2016, criada por Magno Malta, é um dos exemplos mais atuais. A elite impõe, e a classe trabalhadora executa sem questionar. Para Freire (1989, p. 43),

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida.

Há uma hierarquização que precisa ser rompida, por isso, o diálogo é importante nesse contexto. Muitos interpretam esse diálogo, como conversas paralelas, sem intencionalidade, sem significação, e a perspectiva dialógica de Freire não defende essa ideia. “Atores que propõem pretensões de validade têm de renunciar à emissão de juízos prévios, do ponto de vista do conteúdo, sobre a relação entre linguagem e realidade, entre veículos da comunicação e aquilo sobre o que se comunica” (HABERMAS, 2012, p.106).

O diálogo deve buscar um consenso, que para Habermas “o consenso universal pressupõe um contexto livre de violência e coação, em que todos os integrantes de um discurso possam participar em pé de igualdade” (IDEM, .24).

Conforme Habermas (2012), todos somos capazes de ação e comunicação, todos temos o direito de nos posicionarmos, de expressarmos nossas ideias, nossos pensamentos, independente, de grau de escolarização, em espaços escolares, ou não escolares. Por isso, se torna complicado, mas não impossível, se ensinar numa perspectiva dialógica, na qual se considera a interação mediada pelo diálogo.

O diálogo de acordo com Freire (1989, p. 107),



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí a comunicação.

Conforme Habermas a comunicação só tem sentido quando for construída para o entendimento entre as pessoas. A comunicação deve ter como finalidade respeitar o conhecimento do outro, a história e a cultura do outro. Desta forma, é possível perceber que a escola é um espaço importante que tem como função respeitar os diferentes sujeitos que dela participam, bem como promover sua emancipação e construir um conhecimento comunicativo, científico. Para Freitag e Rouanet (1980, p.13),

[...] somente através da crítica, compreendida como auto-reflexão e autoquestionamento, é que os momentos reprimidos, ocultos, distorcidos pelo processo histórico do conhecimento, podem ser recuperados, reelaborados conscientizados, permitindo redescobrir o interesse fundamental, o da emancipação.

A emancipação possibilita a criticidade, não infundada, mas reflexível, e que necessita ser descoberta cotidianamente, para uma reflexão mais crítica, capaz de romper com ideologias tradicionais. É por isso, que “a gestão democrática da educação vem sendo cada vez mais exigida, para que a escola cumpra sua função educativa. O crescimento desta exigência decorre da própria essencialidade do trabalho pedagógico e do contexto no qual a educação se realiza (WITTMANN, 2007, p.11)”.

Habermas (2012, p.49) considera “racional a pessoa capaz de justificar suas ações perante contextos normativos existentes”, podendo desse modo, romper com essas ideias tradicionais de currículo.

O que é impossível, em termos críticos, é esperar de governos municipais, estaduais e federal, de gosto conservador ou de governos “progressistas”, mas tocados pelo dogmatismo por mim sempre criticado, que democratizem a organização do currículo e o ensino dos conteúdos. Nem autoritarismos, nem licenciosidade, mas substantividade democrática, é o de que precisamos (FREIRE, 2014, p. 157).

A escola espera por esses governos, ao invés de se tornar autônoma, esquecendo-se que precisam democratizar seu ensino, de acordo com sua realidade, pois, como se sabe, “[...] existe



mais de uma cultura ou mais de um repertório de sentidos, nem todos são sempre considerados válidos como fontes para os conteúdos ou como cultura de pertencimento legítima e, em torno disso, se estabelece uma longa disputa” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 184-185).

Importante é essa cultura para os espaços escolares, elas contribuem para o crescimento mútuo, e não apenas de grupos separados, não nos utilizando de “um currículo monocultural, que privilegia “a homogeneização cultural e tem dificuldade para assumir a heterogeneidade”, deve ser abolido. Não há a possibilidade de considerar “a aceitação e a assimilação de uma única matriz cultural” (PADILHA, 2004, p. 256).

Os diversos conhecimentos, devem ser respeitados e considerados, por ser “[...] o currículo, como tudo, [...] cultural, na medida em que funciona como um sistema de significações dentro do qual os sentidos são produzidos pelos sujeitos (LOPES; MACEDO, 2011, p. 186)”. Sentidos esses produzidos no espaço-tempo na escola, termo construído ao longo dos séculos.

Macedo (2006, p. 289) afirma que “a educação apresenta-se e autoriza-se como história, como espaço-tempo da repetição”. Essa construção não apenas se deu ao longo dos séculos, como também se repetiu por esses anos, se tornando até normal para vários gestores e professores.

Nossas práticas, nossa organização do trabalho pedagógico, nosso Projeto Político Pedagógico não pode se prender no tempo, deve buscar dialogar com a realidade, atender as demandas dos nossos alunos e comunidade escolar. É importante deixar claro que não estamos aqui querendo defender a ideia de abandonarmos a função que a escola tem com relação à socialização dos conteúdos escolares. Pois, de acordo com Freire (2014), entendemos que

Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. E ensinar é um verbo transitivo relativo. Quem ensina, ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno. A questão que se coloca não é de se há ou não educação sem conteúdo, a que se oporia a outra, a conteudística, porque, repitamos, jamais existiu qualquer prática educativa sem conteúdo (FREIRE, 2014, p. 152).

Uma escola dialógica ouve seus pares, desenvolve suas atividades em parceria, dialogando não apenas com a comunidade escolar, mas também com a comunidade de entorno, essa é a defesa que fazemos, da necessidade de construirmos um currículo dialógico, que seja flexível e se ouça todas as vozes nele inseridas.



METODOLOGIA

A pesquisa nos aproxima do conhecimento científico, e a participação em grupos de estudos e pesquisas, oportunizam essa aproximação. “O conhecimento forma-se por frases e a quantidade de informação transforma-se em qualidade do conhecimento [...]” (GALIANO, 1986, p. 63).

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa é de cunho bibliográfico, que permite um maior aprofundamento do que se vem estudando nos últimos anos em aprendizagem dialógica e currículo.

Para Gil (2002, p. 44-45),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Concordamos com essa afirmação, pois, a pesquisa aqui apresentada, se realizou apenas com fontes bibliográficas, que segundo o autor já mencionado, é considerado como “livros de referência informativa, que contém a informação que se busca” (IDEM). Após o levantamento bibliográfico, buscou-se a partir do tema, elaborar uma discussão teórica que defenda um currículo dialógico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio das leituras realizadas, e analisando as obras escolhidas, concluímos que as pessoas, de modo geral, compreendem currículo de forma ainda muito precária. Reconhecendo-o apenas enquanto proposta de disciplinas e conteúdos.

Entendemos que toda prática pedagógica deve refletir os fins educativos, relacionando-os portanto, com o currículo, ou seja, considerando a radical diferença existente entre os sujeitos que compõem o espaço escolar.

O ensino para a escola atual não pode ser limitado num tempo específico, deve transpassar esse tempo mencionado por Freire (1989, p. 41) o qual defende que “o homem existe-existire – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” [...],



tornando também importante para a pesquisa a não limitação do tempo, de pensamentos positivistas, não aberta ao diálogo, e nem com a interação com o próximo, mantendo dessa forma, um distanciamento do currículo.

Um currículo pautado numa perspectiva dialógica, é possível, quando nos permitimos romper com paradigmas tradicionalistas, e refletir sobre nosso posicionamento político e teórico em relação ao currículo, ao ensino e a aprendizagem, elementos estes, que articulados, embasam nossa base dialógica.

CONCLUSÕES

Como profissionais preocupados com a educação, temos que estar atentos às concepções criadas por nós, e por nossos pares, buscando promover um trabalho que valorize a diversidade existente no espaço escolar.

É necessário que se pense em todos esses aspectos, para alcançarmos um currículo voltado à aprendizagem dialógica, firmado numa perspectiva emancipatória, que se preocupa com a realidade dos alunos, com seu contexto histórico, social e cultural.

O currículo dialógico leva em consideração todos os aspectos acima mencionados, o diálogo, por mais difícil que seja, “não pode converter-se num “bate-papo” desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educandos” (FREIRE, 2014, p. 163).

Compreendemos que o currículo, para concretizar-se, precisa estar diretamente relacionado com as questões pedagógicas, bem como com as políticas de formação e inovação curricular. Nesse sentido, além da necessidade de pensar na construção de práticas pedagógicas diferenciadas, interdisciplinares, colaborativas, para o espaço escolar, faz-se necessário também promover espaços de diálogo nas instituições para que os sujeitos tenham seus direitos garantidos, e sua subjetividade respeitada.

Assim, entendemos que o princípio educativo pautado no diálogo visa valorizar, priorizar e socializar o conhecimento acumulado trazido pelos sujeitos como ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que viabiliza a construção participativa do conhecimento.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAG, Barbara; ROUANET, Sérgio Paulo. **Habermas: sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HABERMAS, Jürgen, 1929. **Teoria do agir comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. Cultura. In.: _____. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 185-215.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *REVISTA Brasileira de Educação*. V. 11, n.32, maio/ago. 2006, p. 284-372.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *REVISTA Brasileira de Educação*. Set/out/nov/dez. 2001, p. 65-81.

PADILHA, Paulo Roberto. Currículo intertranscultural. In.: _____. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo freire, 2004.

VEIGA, Ilma Passos e RESENDE, Lúcia M. G. de (orgs.). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papyrus, 1998.

WITTMAN, Lauro Carlos. **Gestão Democrática**. Curitiba, 2007